

POETAS DO SERTÃO

Antônio Álvares da Silva
Professor titular da Faculdade de Direito da UFMG

A música sertaneja clássica caminhou junto com a música popular brasileira, durante praticamente todo o século 20. Cada qual em sua estrada, seguindo destinos diferentes, mas convergindo para um ponto comum: a expressão artística do povo.

Nossa terra, de natureza tão exuberante, precisava também de uma "alma", ao lado da vida das cidades, local da música popular. Nasceu assim, naturalmente, como a água da fonte, a música sertaneja, com características próprias. O tema e o conteúdo eram o sertão, com suas belezas, mistérios, riachos, rios, pássaros, manhãs ensolaradas, tardes bonitas e prolongadas. Para dar vida a toda esta força telúrica e estética, nasceu a viola, instrumento de corda tipicamente sertanejo, com várias afinações, predominando a mais divulgada, em mi maior. Depois, os artistas formaram duplas, cantando em duas vozes, outra característica da música do sertão. Às vezes, constituíam trios, mas o terceiro era apenas acompanhante, geralmente um acordeonista.

O gênero sertanejo é variado e compõe-se de diferentes ritmos, cada qual com sua independência melódica e estilo musical próprio: a toada, o cateretê, o valseado, o cururu, a moda campeira. De todos eles, há sucessos imorredouros, cantados e gravados por diferentes artistas de talento.

Várias duplas fizeram sucesso e entraram para a história artística do país. Alguns compositores cantavam com parceiros suas próprias criações. Tônico, da dupla Tônico e Tinoco; Serrinha, cantando com Caboclinho e Zé do Rancho; Raul Torres, grande e imortal poeta, autor de belíssimas toadas, muitas delas em parceria com João Pacífico, tais como pingo d'água, cabocla Tereza, Chico Mulato, fazia dupla com Florêncio.

Outros eram apenas compositores como os inspirados João Pacífico, Teddy Vieira e o grande mineiro Goiá, que imortalizou sua bela e pequena Coromandel, através da conhecida música "saudade da minha terra". Estes poetas se igualam a quaisquer outros da língua portuguesa.

Depois, a partir dos anos 70, a música sertaneja clássica começou a perder fôlego. Os tempos mudaram e a arte, que acompanha o homem, em seu perfil histórico, também se transformou. O trator passou por cima de tudo, derrubando árvores, florestas e também as tradições que ainda restavam. Shows ruidosos, palcos iluminados, sofisticação técnica e barulhenta tomaram conta da música popular e não deixou mais espaço para a sertaneja verdadeira. Tudo caiu no esquecimento e no passado.

Surgiu então um outro estilo de música sertaneja, a moderna, que tem de comum com a clássica apenas a interpretação em duplas. Já os ritmos, a viola, a temática rural

simplesmente acabaram. De fato, são cantores a dois de música popular. De sertanejos antigos, nada têm.

Não é nosso propósito fazer comparações, criticar um gênero e elogiar outro. Mesmo porque a chamada música sertaneja moderna é um fato. Existe, está aí e é cantada por multidões. Os auditórios estão cheios e as duplas se multiplicam. Não seremos nós que iremos fazer a volta da história e tentar fazer renascer um passado que não volta mais.

Porém a música, como todas as instituições, evolui em círculos. Não há seqüência histórica retilínea em nada de que o homem faça parte. Depois de quase quatro décadas esquecida, percebemos a volta da viola. Grandes instrumentistas vieram à cena. Foi preciso que algumas novelas revivessem músicas do passado, como a "chalana", devolvendo-lhe a vida e lembrando ao povo sua beleza. Assim também "Chico mineiro", "menino da porteira". A cidade redescobriu e passou a valorizar a autêntica música do sertão, que vai ressurgindo das cinzas. Orquestras famosas de viola se espalham pelo Brasil, principalmente em Minas e São Paulo, onde algumas já adquiriram renome nacional.

Quais teriam sido as razões de a viola sair da parede, como peça de decoração, para voltar aos braços dos violeiros e exibir-se em shows e teatros? O motivo não se é difícil de explicar. Estamos numa época de salvação e reconstrução da natureza destruída. O homem acordou, não sei se ainda a tempo, para preservar o meio ambiente, que lhe dá a vida. Não adianta PIB alto, cidades florescentes, riquezas nas contas públicas se a natureza estiver poluída, as florestas destruídas, os rios secos e o ar irrespirável. Chegou o tempo de regredir. Progresso, às vezes, é andar para trás e não para frente.

Como a música sertaneja clássica tem por tema as coisas boas da natureza, ela renasceu naturalmente no sertão e veio à cidade. O que todos queremos é água limpa, florestas de pé, rios transparentes e pássaros pelas ruas. São exatamente estes os temas da música sertaneja clássica.

Que a viola volte rápido e seja tocada por nossa mocidade, nas escolas, teatros e eventos populares. E que traga, nos seus acordes ternos, a marca de um sertão que precisamos fazer ressurgir. A viola há de fazer na música o que Guimarães Rosa fez na prosa: tornar eternas, pela arte, as coisas boas que nunca podem morrer.